

# UMA SEPULTURA EM LONDRES

**Roberto Vecchi\***

Pode-se começar pelo depois: na 2ª edição de 1978 de “Uma sepultura em Londres” aparece uma nota a explicar que na 1ª ed. de 1969 “não podia anotar-se, para notícia dos distraídos, que esta sepultura era obviamente a de Karl Marx”. Explicação desnecessária mas historicamente compreensível.

Este longo e denso poema em prosa – um oximoro definitório que nada diz – de fato redundante de sinais e referências que mostram, também a leitores desatentos, a identificação do túmulo no cemitério de Highgate a ser retratado. Numa determinada altura, aliás, a própria inscrição do monumento é citada, não literalmente, mas de modo quase explícito. É aquela famosa frase conclusiva das *Teses sobre Feuerbach* que aqui encontramos adaptada e referida aos “escravos que sabem que só podem transformar” o mundo. Uma solidez que é um indicador relevante para a apreensão do poema em torno da ideia de monumento.

A estrutura de um texto que é ao mesmo tempo poesia e prosa é crucial porque deve sempre legitimar as suas condições literárias. Que não decorrem de elementos exteriores, mas atingem um jogo de simetrias e rupturas que formam relações de natureza fonética, sintática ou semântica numa superfície que vai além do plano comunicativo. É o que acontece no poema.

O retorno aos lugares mais significativos não ocorre por versos ou ritmos mas por imagens e palavras. A relação, por exemplo, entre o plano físico e metafísico articula-se já a partir do contexto londrino que decorre por três vezes, sempre em contato com a imagem sensorial do frio. Assim como é pela técnica do elenco que se acumula a imagem do poder dominador por referências históricas, literárias (Sarrotris de Memphis) metonímicas (“*potteries*”) ou geográficas. O físico atravessa inclusive o corpo, pela dominação sexual de Lawrence de Arábia. Mas é o avesso, o dominado, da

relação de poder que estrutura a coluna da composição pelo termo em absoluto mais recursivo: escravo. Palavra que recorre bem 8 vezes (9 se considerarmos o nome próprio de Spartacus, o escravo trácio símbolo da revolta, através de um vocativo antifrástico que funciona, na verdade, como uma antonomásia da subalternidade incorrosível perante a inexorável pulverização da história).

O metafísico da passagem é a obra do filósofo que se expressa pela emersão de um elemento conceitual claro: a passagem do trabalho forçado e escravo para a sua modernização e disfarce como trabalho contratualizado, inclusive nas tutelas da “previdência social”. É o dominador do uso dos corpos alheios (Lawrence) que proporciona a transição da desconstrução do sentido do trabalho. A revelação de que o trabalho moderno, em relação ao escravizado, se torna até mais económico como percebem, a certa altura, os imperadores que assim libertam os seus escravos para mais um uso dos seus corpos. A preocupação que se insinua no texto, sempre pela oscilação do físico ao metafísico, é porém uma apreensão de tipo patrimonial que enceta o retorno do metafísico para o físico.

Desconstruído o túmulo de Marx por uma práxis, dir-se-ia poética, que decorre do uso do pensamento do filósofo, o poema coloca uma interrogação sobre a erosão da memória pelo tempo que se conjuga com o horizonte da morte e a imagem do túmulo. O “lugar ardente” onde se concentram todos os escravos cuja poeira se perdeu e que portanto os tornou invisíveis é a ocasião para delinear uma outra monumentalidade possível. É aqui que a quase citação de Marx funda uma contra-monumentalidade que não sai da sepultura mas que se desenvolve dentro da história, uma história onde se evidencia o limite de compreensão, mas também de onde se destaca o desejo de revolução. A revolta dos escravos não coincide com a revolução, mas a densidade das revoltas funda um tempo de instantes messiânicos que alteram em profundidade a linearidade só aparente do tempo histórico,

expondo, de modo nítido, a luta daqueles de baixo como um motor efetivo da história.

É esta outra monumentalidade que emerge diante do monumento funerário: uma força que se desprende do conflito e que torna o lugar dos que estão abaixo ardente ou espesso, impossível de atravessar. É o lugar que Marx pensou, mas só a revolta dos escravos fundou. E é necessário conseguir captá-lo porque, nas aparências exordiais, as dores são universais e estas existem desde os primórdios da história. Um monumento humano, que Marx conseguiu teorizar e que ficou gravado por sua vez na pedra granítica de um túmulo cemiterial. O que mais precisamos de saber?

---

\* Professor catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira e de História da cultura portuguesa na Universidade de Bolonha. É, desde 2007, com Margarida Calafate Ribeiro, coordenador da Cátedra Eduardo Lourenço. Desde 2018 é membro da direção do CUE, Center of Studies Umberto Eco, sempre em Bolonha. Em Portugal, é investigador associado do Projeto ERC *Memoirs* do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. No Brasil é pesquisador do CNPq. É Honorary Professor (2018-2020) of Lusophone Studies at the School of Cultures, Languages and Area Studies na Universidade de Nottingham. É presidente desde 2014 da AIL, a Associação Internacional de Lusitanistas.